



In Cordibus Nostris

BOLETIM DE ESPIRITUALIDADE PASSIONISTA

Ano II – N. 08 – Agosto de 2021

FAMÍLIA PASSIONISTA DO BRASIL - FPB

“NA VIDA COMUM É ESCONDIDO UM GRANDE TESOURO”

Ir. Marta de Jesus Crucificado, CP - Monja do Mosteiro Passionista São Paulo da Cruz

Carta circular de São Paulo da Cruz aos seus Religiosos, 02/05/1750.

“Vamos, caríssimos filhos, competi-vos em serdes mais humildes, mais exatos e mais observantes. ‘Aspirai os dons melhores’ (I Cor 12,31). Aprendei a serdes simples, humildes como crianças; não percais de vista o horrível nada que sois; não percais de vista o vosso nada ter, nada saber, nada poder. Também cavai, aprofundai, que não encontrareis outra coisa em vós que o puro e horrível nada. Oh, quanto vos recomendo esta humildade de coração e simplicidade pueril, a qual vos fará ser respeitosos e simples com todos, sujeitos a todos, como diz o Apóstolo Pedro: ‘Sejam submissos a todas as criaturas por amor ao Senhor’ (I Pe 2,13). E sobretudo, tenham uma suprema reverência ao vosso superior que Deus vos deu por pai e guia da vossa alma... Oh que grandes vós fareis na santa perfeição assim fazendo! Oh, que paz experimentareis”. E esta paz que é fruto do Espírito Santo vos fará crescer na caridade uns para com os outros, sendo um só coração em Jesus Cristo. E a tal efeito, ninguém jamais julgará as ações do seu irmão, porque nele verá santidade e, só em si mesmo, não verá mais que vício e defeitos, sempre, porém com pacífico sofrimento e esperança de mudança. Creiam-me que a peste da comunidade Religiosa é julgar as ações dos outros, perdendo de vista as próprias. O interpretar como mal os atos, o sussurrar juntamente dos defeitos dos outros, o murmurar, o delatar aquilo que se sente a outro: oh, que peste! Oh, que ruína causam na pobre comunidade! A verdadeira humildade, que descobre em nós sempre mais o vício, não dá espaço para olhar as ações dos outros, mas faz ser solícitos em extirpar toda coisa viciosa que desagrada aos olhos de Deus. De outra forma, como a verdadeira humildade do coração faz conhecer e crer que não existe pessoa no mundo pior que a si mesmo, como pode dar lugar aos julgamentos alheios, se tem todos como melhores e santos?”

O ser humano já foi definido de vários modos ao longo da história conforme os conhecimentos e as circunstâncias. Alguns, como um ser composto: corpo, alma, espírito; outros como ser pensante, outros um animal racional; outros: evolução dos macacos, etc. O salmista na contemplação das coisas criadas, estupefato dizia: “Que é o homem, Senhor, para

vós? Por que dele cuidais tanto assim?” (Sl 143,3). Mas outros revelando a doutrina do existencialismo diz: “O homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo” (Sartre), por isso, não é inteiramente definido, explicado ou determinado pois o homem é liberdade. Ele é uma “náusea”.

De tudo, um pouco, diante do próprio mistério, com o salmista admiramos: *“Que maravilha, meu, Senhor, sou eu!”*

Mas como todas as criaturas, o ser humano se faz e se refaz através das gerações; como na natureza - nada se cria nada se perde, mas tudo se transforma - o ser humano vai sendo o que é à medida das suas experiências, dos seus conhecimentos, o que também significa relacionamentos. Por isso, o ser humano é o que é e o que os seus relacionamentos o permitem ser. É um ser que se constrói e é construído pelos outros. Com muita sabedoria nos dizia o nosso irmão Passionista, Pe. Fulgêncio Piacentini: *“Uma pessoa só será alguém, se alguém acreditar nela. Um pai, uma mãe, acreditam que um ser tão frágil e tão inerte, como são os bebês, é em potencial um grande homem, uma grande mulher. Eles conseguem ver além do que os olhos enxergam, pois, o amor não é cego, é esperança, é criativo, vê para além do possível”*.

Desta forma, ser ou não ser, depende de onde estamos, com quem estamos: para uma verdadeira mãe o pequeno embrião que traz no ventre é um filho amado e desejado, enquanto para alguns, é apenas um descartável feto, ainda mais se chegar em um momento impróprio.

Assim, somos gerados não só no ventre materno, mas nos relacionamentos que temos. Podemos ser “gerados” pessoas felizes, realizadas, equilibradas, férteis, honestas, coerentes e santas.... Como também podemos ser gerados loucos, insanos, desequilibrados, carentes, dependentes, um não ser, ou um ser doentio.

Tomamos consciência que para além do gestar natural, que passa pelas realidades orgânicas, há um gestar de personalidades que dependem de cada

um de nós. Somos responsáveis pela vida, somos, de certo modo, geradores de vida.

Assim, uma comunidade religiosa, com a graça do Espírito Santo possui o poder de gerar e regenerar seus membros. Como o gerar depende da concepção, do mesmo modo, aqui tudo depende da concepção que se tem do outro. Posso, confirmado por Sartre afirmar que *“O inferno são os outros”* e criar relacionamentos doentios que geram pessoas infelizes, amarguradas, cínicas. É bom lembrar a insistência com que o Papa Francisco considera a fofoca tão nociva como um ato terrorista que destrói comunidades e pessoas. Ou posso, por outro lado, contribuir para que minha comunidade religiosa seja um útero fértil de pessoas felizes, maduras e equilibradas, deixando vir à tona o tesouro que se encerra no viver em comum.

Nosso Santo Pai, Mestre e inspirador, São Paulo da Cruz acentuava que o crescimento no amor e na harmonia dependia do conceito que tenho de mim mesmo e do outro. Convidando seus filhos a se prepararem para festa de Pentecostes aponta o ideal de uma comunidade Passionista geradora de personalidades santas como foram os primeiros Passionistas.

Bem a propósito, como que atualizando esta mensagem para os nossos dias o Papa Francisco tem reiterado que *“a acusação dos outros ignora Deus; a acusação própria nos abre a Ele. Diante de Deus, nenhum de nós é inocente, mas todos somos perdoados quando reconhecemos e nos arrependemos do nosso pecado e sentimos vergonha dos nossos erros. Desse modo, deixamos de ver nossos opositores como inimigos. A acusação de si mesmo é o anticorpo para o vírus da consciência isolada, e a humildade diante de Deus é a chave para a fraternidade e a paz social”*.

Trata-se de um novo projeto de humanidade, tão novo como novo é sempre o Evangelho.

PERSCRUTAI¹

O Papa Francisco nos convoca a viver, no cotidiano a “mística do encontro”. A mística do encontro, segundo o Papa Francisco, é a nossa capacidade de buscar, escutar, acolher e assumir caminhos novos para uma sociedade mais humana e fraterna. Segue um trecho do documento Perscrutai referente a mística do encontro para complemento da nossa reflexão.

“A Igreja, na fraqueza e na solidão alienante e auto referencial do humano, conta com fraternidades ricas “de alegria e de Espírito Santo (At13, 52). Specialis caritatis schola, a vida consagrada, nas suas múltiplas formas de fraternidade, é plasmada pelo Espírito Santo, porque “onde está a comunidade, aí está o Espírito de Deus; e onde está o Espírito de Deus aí está a Comunidade e toda graça.”

Consideramos a fraternidade como lugar rico de mistério e “espaço teologal, onde se pode experimentar a presença mística do Senhor ressuscitado”. Percebe-se uma defasagem entre este mistério e a vida cotidiana: somos convidados a passar da forma de vida em comum para a graça da fraternidade. Da forma communis para a relacionalidade humana na forma evangélica na força da caridade de Deus derramada nos corações por meio do Espírito Santo. (Cf. Rm 5,5) (...)

Somos chamados então a reconhecer-nos como fraternidade aberta para a complementariedade do encontro na convivência das diferenças, para

prosseguir unidos: “Uma pessoa que conserva a sua peculiaridade pessoal e não esconde a sua identidade _ exorta Papa Francisco_, quando se integra cordialmente numa comunidade não se aniquila, mas recebe sempre novos estímulos para o seu próprio desenvolvimento”. O estilo do “diálogo” que é “muito mais do que a comunicação de uma verdade. Realiza-se pelo gosto de falar e pelo bem concreto que se comunica através das palavras entre aqueles que se amam. É um bem que não consiste em coisas, mas nas próprias pessoas que mutuamente se dão no diálogo”. Recordando que “o clima do diálogo é a amizade. Ou melhor, o serviço.”

As nossas fraternidades são lugares nos quais o mistério do humano toca o mistério divino na experiência do Evangelho. São dois os lugares em que, de maneira privilegiada, o Evangelho se manifesta, toma corpo, dá-se: a família e a vida consagrada. No primeiro lugar o Evangelho entra na cotidianidade e mostra a sua capacidade de transfigurar a sua vivência no horizonte do amor. O segundo sinal, ícone de um mundo futuro que relativiza todo bem deste mundo, faz-se lugar complementar e especular ao primeiro, enquanto se mostra a sua capacidade de transfigurar a sua vivência no horizonte do amor. O segundo sinal, ícone de um mundo futuro que relativiza todo bem deste mundo, faz-se lugar complementar e especular ao primeiro, enquanto se mostra antecipadamente o cumprimento da caminhada da vida e tornam-se relativas à comunhão final com Deus todas as experiências humanas, também aquelas mais bem-sucedidas. (...)

¹ CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICAS, Perscrutai – Aos Consagrados e às Consagradas a caminho nos sinais de Deus (8 de fevereiro de 2014), n 35.

“ A comunidade sustém todo o apostolado. Às vezes as comunidades religiosas são imbuídas por tensões, com o risco do individualismo e da dispersão, mas são necessárias comunicação profunda e relações autênticas. A força humanizadora do Evangelho é testemunhada pela fraternidade vivida em comunidade, feita de acolhimento, respeito, ajuda recíproca, compreensão, amabilidade, perdão e alegria.” Deste modo a comunidade se torna casa na qual se vive a diferença evangélica. O estilo do Evangelho, humano e sóbrio, se manifesta na busca que aspira à transfiguração; no celibato pelo Reino; na procura e na escuta de Deus e da sua Palavra: obediência que

mostra a diferença cristã. Sinais eloquentes num mundo que torna a buscar o essencial.

A comunidade que se senta à mesa e reconhece o Cristo no partir do pão (cf. Lc 24, 13-35) é também lugar no qual cada um reconhece as fragilidades. A fraternidade não produz a perfeição das relações, mas acolhe o limite de todos e o leva no coração e na oração como ferida infligida ao mandamento do amor (cf. Jo 13, 31-35): lugar onde o mistério paschal realiza a cura e fermenta a unidade. Acontecimento de graça invocado e recebido por irmãs e irmãos que estão juntos não por escolha, mas por chamado, experiência da presença do Ressuscitado.

Para nossa reflexão:

- 1- “O ser humano é um ser que se constrói e é construído pelos outros.” Como nossas relações fraternas contribuem para a formação de um mundo mais justo e humano?
- 2- “Somos geradores de vida.” Que tipo de vida estou gerando?
- 3- “As nossas fraternidades são lugares nos quais o mistério do humano toca o mistério divino na experiência do Evangelho.” Como nossas comunidades e famílias se transformam em evangelho vivo?

CALENDÁRIO DE ESPIRITUALIDADE PASSIONISTA – AGOSTO DE 2021

06 - Recordação do Venerável Pe. Francisco da Paixão (Aita Paxti) Gondra Muruaga CP (1910-1974).

14 - Recordação do Venerável Ir. Giacomo de São Luiz Gianiel CP (1714-1750).

15 - Assunção da Bem-Aventurada Virgem Maria. No Brasil, Dia da Vida Consagrada.

18 - Missa e ofício votivo a São Paulo da Cruz.

26 - Beato Domingos da Mãe de Deus Barberi CP (1792-1849).

Recordação da Serva de Deus Madre Gemma Giannini MSG (1884-1971), religiosa, fundadora da Congregação Missionária das Irmãs de Santa Gemma.

29 - Recordação do Servo de Deus Pe. Benito Arrieta CP (1907-1975).

30 - Recordação do Venerável Pe. Giovanni Battista de S. Miguel Arcanjo Danei CP (1695-1765), presbítero, co-fundador e irmão de S. Paulo da Cruz.

EXPEDIENTE: Equipe de Espiritualidade da FPB – Ir. Jaqueline B. de Oliveira, CP (Prov. São Gabriel); Ir. Maria Irene da Silva, CP (Prov. Rainha da Paz); Ir. Rosana Bertachi, CP (Prov. Imaculado Coração); Pe. Gilberto de S.M. Arcanjo, CP (Prov. Exaltação da Santa Cruz); Pe. Fernando da Silva Oliveira, CP (Província Getsêmani).